

Portugal, A., Alberto, I., Beja, M. J., Sotero, L., Fonseca, G., Carvalho, J., Areia, N., & Relvas, A. P. (2019). A bailar é que a gente se entende: O papel da comunicação nas coreografias da parentalidade. *Mosaico*, 72, 37-49. <https://www.featf.org/revista-mosaico-numero-72/>

Título:

A bailar é que a gente se entende: O papel da comunicação nas coreografias da parentalidade

Autores:

Alda Portugal*

(Departamento de Psicologia da Universidade da Madeira; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Isabel Alberto

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra)

Maria João Beja

(Departamento de Psicologia da Universidade da Madeira)

Luciana Sotero

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Gabriela Fonseca

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Joana Carvalho

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Neide Areia

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Ana Paula Relvas

(Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais da Universidade da Coimbra)

Resumo

A comunicação parento-filial representa uma dimensão essencial do exercício da parentalidade. Apesar de muitas famílias procurarem intervenção psicoterapêutica por considerarem que o seu problema reside na falta de comunicação, o Modelo da Pragmática da Comunicação Humana postula que é impossível não comunicar e, por esse motivo, comunicação e comportamento são sinónimos aquando da significação que se faz das relações familiares. Como uma dança (tendo os autores deste ensaio privilegiado o *Bailinho da Madeira* enquanto metáfora), a comunicação parento-filial rege-se por pressupostos e regras que permitem compreender e analisar a identidade de cada família e o modo como se operacionaliza a parentalidade. Tal como outras funções e tarefas, também o exercício da parentalidade se altera à medida que o ciclo vital da família evolui e, nesse sentido, os padrões de comunicação estabelecidos também se modelam, apresentando especificidades distintas em famílias com filhos em idade escolar e famílias com adolescentes. Pretende-se com este ensaio teórico reavivar os contributos do Modelo da Pragmática da Comunicação Humana para as relações familiares, bem como, apresentar uma sucinta caracterização dos padrões comunicacionais entre pais e filhos de famílias portuguesas.

Palavras-chave: Comunicação parento-filial; Parentalidade; Família com filhos em idade escolar; Família com filhos adolescentes.

Abstract

Parent-child communication is a key dimension of parenthood. Although many families seek psychotherapeutic interventions claiming that their problem is related to the absence of communication, the Pragmatics of Human Communication Model posits that it is impossible to not communicate and, for that reason, communication and behaviour are synonymous when we consider the signification of family relationships. Like a dance (having the authors of this essay focused their attention on the *Bailinho da Madeira* as a metaphor), parent-child communication is regulated by assumptions and rules that enable to understand and analyse the identity of each family and the way in which parenthood is operationalized. As with other roles and tasks, the parental exercise also changes throughout the family life cycle, with the communication patterns being shaped, and presenting differentiated specificities in families with school-aged children and families with adolescents. This theoretical essay intends to recall the contributions of the Pragmatics of Human Communication Model to family relationships, as well as to present a brief characterization of the communication patterns between parents and children from Portuguese families.

Keywords: Parent-child communication; Parenthood; Family with school-age children; Family with adolescent children.

A bailar é que a gente se entende: O papel da comunicação nas coreografias da parentalidade

*Despite the fact that most people become parents
and everyone who has ever lived has had parents,
parenting remains a most mystifying subject.*
(Bornstein, 2002, p. 11)

É muito frequente encontrar-se como justificação das dificuldades relacionais a falta de comunicação. Expressões como “o problema é que eles não comunicam” ou “eles não conversam o suficiente” representam uma explicação reducionista das dificuldades de cariz interpessoal que ocorrem no contexto familiar, aceitando-se assim a possibilidade de ausência de interação comunicacional entre dois ou mais interlocutores.

Esta abordagem linear aos problemas familiares tem-se mostrado pouco útil para a compreensão e intervenção com famílias. Neste sentido, os contributos do Modelo da Pragmática da Comunicação Humana (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1993) revelaram-se centrais na medida em que promoveram a rutura epistemológica com o modelo biomédico vigente até às décadas 60/70, dando o mote para a importância da abordagem sistémica na compreensão das dificuldades familiares. O modelo sistémico postula a existência de três níveis de análise da comunicação: a sintaxe, que analisa os problemas de transmissão de informação; a semântica, que se foca na significação das mensagens; e a pragmática, que se debruça sobre o estudo dos efeitos da comunicação no comportamento humano (Alarcão, 2006; Watzlawick et al., 1993). Esta lente conceptual tem como principal objetivo desviar o foco do indivíduo “para as relações entre as partes de um sistema muito mais vasto” (Watzlawick et al., 1993, p. 18). O Modelo da Pragmática da Comunicação Humana realça a equivalência de dois conceitos: comunicação e comportamento. De acordo com os autores, o comportamento adotado por cada pessoa traduz comunicação, isto é, o comportamento materializa a intenção comunicacional. Desta forma, toda a informação regressa a quem a comunica, por via da relação, sendo que comunicar é um ato sem princípio nem fim devido ao seu carácter circular.

Watzlawick e colaboradores (1993) equacionaram cinco proposições básicas sobre os aspetos funcionais da comunicação: (a) é impossível não comunicar; (b) toda a comunicação tem dois níveis: conteúdo e relação; (c) a comunicação varia consoante a pontuação da sequência de eventos; (d) a comunicação tem uma vertente digital e uma vertente analógica; e (e) a comunicação rege-se por dois tipos de interação: simétrica e complementar. A cada um destes axiomas correspondem possibilidades de fuga ao compromisso comunicacional que poderão estar na base de dilemas psicopatológicos da comunicação (Alarcão, 2006; Watzlawick et al., 1993). De acordo com Gameiro (1989), algumas das dificuldades relacionais que surgem no contexto familiar devem-se à rigidificação e imutabilidade dos padrões comunicacionais. A literatura destaca ainda que a comunicação familiar baseada em distorções promove o risco de desenvolvimento de distúrbios mentais (e.g., Houk, Rodrigue, & Lobato, 2007) e de envolvimento em experiências aditivas (e.g., Patock-Peckham & Morgan-Lopez, 2007). Nestas circunstâncias, os autores identificam o processo de metacomunicação, ou seja, a capacidade de comunicar sobre a comunicação, como um processo facilitador da restauração comunicacional (Gameiro, 1989; Watzlawick et al., 1993). Assim, mais rigoroso do que dizer-se que os problemas familiares advêm da falta de comunicação, será afirmar-se que os mesmos resultam da ausência de metacomunicação.

A estrutura de um sistema define-se pelas redundâncias dos padrões comunicacionais, isto é, pelas repetições de interações comportamentais e pela manutenção do significado que

lhes é atribuído. De acordo com Gameiro (1992), são estas redundâncias que definem as “regras da dança familiar” (p. 94) e, por conseguinte, a identidade comunicacional de cada família.

Com vista a clarificar o importante papel que a comunicação desempenha no exercício da parentalidade, e considerando a forte ligação (geográfica e emocional) que as autoras deste artigo têm com a ilha da Madeira, recorrer-se-á ao Bailinho da Madeira como metáfora do papel que a comunicação desempenha nas coreografias da parentalidade. Assim, num primeiro momento serão descritas algumas das características do Bailinho da Madeira e, de forma análoga, o processo comunicacional na relação pais-filhos. Num segundo momento, caracterizar-se-ão sucintamente as especificidades comunicacionais entre pais e filhos ao longo do ciclo vital, especificamente em famílias com filhos em idade escolar e famílias com filhos adolescentes.

O Bailinho da comunicação na parentalidade

O Bailinho da Madeira é uma dança folclórica com origem no arquipélago da Madeira. Trata-se de uma dança popular na qual um grupo de bailarinos dança em redor de um instrumento designado “brinquinho”¹. Também a família representa um grupo de indivíduos que interage e comunica em torno de funções mútuas e recíprocas. Especificamente no âmbito do subsistema parental, as principais funções implicam apoiar o desenvolvimento físico e psicomotor, psicológico (e.g., vinculação, afiliação) e emocional (e.g., providenciar suporte e expressar/partilhar afetos) dos filhos, bem como, educá-los e promover a sua socialização (Crosbie-Burnett & Klein, 2009). Esta dupla função (interna e externa) do subsistema parental é mediada por processos comunicacionais, sendo que pais e filhos organizam as suas interações e relações em torno destas funções.

Outra característica do Bailinho da Madeira é o despique que existe em torno de quadras com índole de sátira social, ou seja, enquanto os bailarinos dançam, os cantores disputam entre si rimas alusivas à região. No contexto da parentalidade, também a interação entre pais e filhos se desenrola de forma bidirecional, com base na comunicação enquanto processo complexo e recursivo de transmissão e receção de informação (Bronckart, 2001). Uma comunicação saudável permite a partilha de pontos de vista distintos entre pais e filhos, representando, também, um despique sobre o contexto no qual a relação se insere. Assim, no exercício da parentalidade, as mensagens trocadas entre pais e filhos apenas podem ser interpretadas se for considerado o contexto específico onde ocorrem, pois é este que confere significado às mensagens (Barker, 1987).

Pensar no Bailinho da Madeira conduz-nos a um estilo de dança particular e a um traje regional específico. Porém, a especificidade desta dança popular varia em função das regiões do arquipélago. Por exemplo, a forma como se dança este folclore em Machico é diferente da forma como ele é dançado na Camacha², sendo que os trajes regionais também variam em função das localidades (e.g., cores). Assim, pode afirmar-se que existem vários tipos de Bailinhos da Madeira. No caso das famílias, embora existam algumas características transversais (e.g., hierarquia, limites), não se pode afirmar que sejam todas iguais. Os padrões de comunicação específicos de cada família geram identidades familiares distintas (Gameiro, 1992; Segrin & Flora, 2005). Ou seja, apesar de existirem características comuns a todas as relações entre pais e filhos (e.g., definição de regras e limites), a forma como elas se definem é necessariamente diferente (e.g., numa família um beijo antes de dormir poderá ser mais identitário do que noutras).

¹ Instrumento musical composto por um grupo de sete bonecos de pano e traje regional, com castanholas e fitilhos, dispostos na extremidade de uma cana de roca e animados por movimentos verticais.

² Machico e Camacha são localidades do arquipélago da Madeira.

Tipicamente, o Bailinho da Madeira descreve as histórias felizes e tristes da ilha, bem como, as suas tradições. Na família, a comunicação cumpre também esta função. Quando se pensa na palavra família, as representações evocadas pelo imaginário de cada um são variadas e abrangentes: podem emergir recordações positivas ou negativas em função das relações familiares e das vivências pessoais de cada sujeito. Apesar da diversidade subjacente a essas recordações, todas elas têm na sua base um aspeto em comum: foram criadas, formadas e mantidas através da comunicação. É a partir deste processo que os membros da família criam e partilham modelos mentais da vida familiar e os prolongam no tempo ao longo de gerações (Vangelisti, 2004). Especificamente entre pais-filhos, a comunicação permite antever a qualidade do seu relacionamento e a capacidade de adaptação a mudanças estruturais, sejam elas naturais (e.g., entrada na escola) ou acidentais (e.g., ocorrência de um divórcio) (Vangelisti, 2004). De acordo com este pressuposto, alguns estudos demonstram que a qualidade da comunicação parento-filial afeta as competências das crianças na resolução de problemas (Goodman, Barfoot, Frye, & Belli, 1999), influenciando, também, as suas competências sociais na interação com os pares (e.g., Hillaker, Brophy-Herb, Villarruel, & Haas, 2008).

O Bailinho da Madeira é tocado com recurso a vários instrumentos musicais, tais como, a braguinha, o acordeão e os ferrinhos. Também a comunicação entre pais e filhos se ampara em diferentes veículos, dos quais se destacam a comunicação verbal e a comunicação não-verbal (Watzlawick et al., 1993). A comunicação verbal manifesta-se através de sinais explícitos que mantêm a interação (e.g., linguagem, escrita) (Barker, 1987). A pontuação que é feita desta dimensão semântica é compreendida e significada através da comunicação não-verbal que acompanha a mensagem verbal, uma vez que, de acordo com Barker (1987) “as mensagens não-verbais complementam as mensagens verbais” (p. 6).

Por fim, tal como nas famílias, a organização dos grupos que dançam o Bailinho da Madeira estabelece-se por meio de uma hierarquia: os mais velhos cantam e tocam enquanto os mais novos dançam. A hierarquia sistémica é uma das propriedades inerentes ao sistema familiar, tendo um papel regulador entre os subsistemas parental e filial. Os padrões de comunicação que se estabelecem entre pais e filhos definem os limites, bem como, as funções que cada um desempenha e os seus níveis de poder (Minuchin, 1974). Assim, a comunicação parento-filial é dinâmica, variando em função das tarefas e funções específicas do ciclo vital da família. Por exemplo, em fases iniciais do desenvolvimento familiar (e.g., família com filhos na escola) a comunicação tende a ser mais complementar, tornando-se progressivamente mais simétrica em fases posteriores (e.g., família com filhos adultos).

Em conclusão, para que a dança flua é necessário acertar o passo; para que os limites se respeitem é necessário afiná-los; para que se construa uma linguagem ritmada é necessário entender e respeitar a filosofia do baile; e para que se comunique de maneira satisfatória e eficiente é necessário metacomunicar.

Comunicação parento-filial ao longo do ciclo evolutivo da família

A análise da evolução familiar assenta no eixo sincrónico, que diz respeito à dimensão relacional e aos tipos e modos de comunicação que os elementos de uma família privilegiam para o contacto interpessoal, e no eixo diacrónico, associado ao tempo e à história familiar (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1995; Relvas, 1996). A análise do ciclo evolutivo da família tem por base o percurso ao longo do eixo diacrónico, integrando as tarefas do eixo sincrónico, organizando-se em estádios de desenvolvimento que caracterizam as tarefas e funções de cada membro da família em diferentes momentos da vida.

Existem diversas conceptualizações sobre o ciclo vital da família (e.g., Carter & McGoldrick, 1995), das quais se destaca a proposta de Relvas (1996). Esta abordagem define cinco etapas de desenvolvimento familiar: (a) formação do casal, (b) família com filhos

pequenos, (c) família com filhos na escola, (d) família com filhos adolescentes e (e) família com filhos adultos (Relvas, 1996). A vantagem desta conceptualização, relativamente às restantes, prende-se com o facto de a autora distinguir três etapas durante a infância: filhos pequenos, filhos na escola e filhos adolescentes. De acordo com Relvas (1996) “a entrada na escola e a adolescência dos filhos colocam à família questões bem diferenciadas, não tanto em termos do sentido das mudanças, que será sempre a separação, mas em função do grau, qualidade e efeitos da própria mudança” (p. 21). Cada uma destas etapas é caracterizada por eventos nodais, isto é, momentos-chave de transição que tendem a gerar níveis elevados de *stress*, desafiando a capacidade da família para dar resposta às mudanças que se impõem (Carter & McGoldrick, 1995). Mais recentemente, Arnett (2005) conceptualizou uma nova etapa do desenvolvimento individual, a designada adultez emergente, que, naturalmente, tem implicações no desenvolvimento familiar (Oliveira, Fonseca, Sotero, Crespo, & Relvas, 2018). Trata-se de uma etapa situada entre os 18 e os 25 anos, onde a exploração e a instabilidade constituem norma na transição da adolescência para a adultez (Arnett, 2005). Considerando que o ciclo vital da família é caracterizado por tarefas e funções específicas, compreende-se que a dimensão comunicacional possa ter flutuações ao longo do tempo, particularmente na relação parento-filial (Relvas, 1996).

Com vista a uma melhor compreensão da qualidade da comunicação parento-filial em diferentes etapas do ciclo vital, foi desenvolvida a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA; Portugal & Alberto, 2014; Portugal & Beja, 2017). Trata-se de um instrumento dirigido a crianças dos sete aos 11 anos (COMPA-C; Portugal & Alberto, 2013), a adolescentes dos 12 aos 16 anos (COMPA-A; Portugal & Alberto, 2015) e a adultos emergentes dos 18 aos 25 anos (COMPA-AE; Portugal & Beja, 2017). Para além destas, existe ainda uma versão da escala dirigida aos pais/mães (COMPA-P; Portugal & Alberto, 2014). Na Tabela 1 é possível analisar as características e especificidades de cada uma destas escalas de autorresposta.

Tabela 1
Características e especificidades das escalas COMPA.

Escalas autorresposta	Número de itens	Versões	Dimensões avaliadas
COMPA-C	15 para a mãe 15 para o pai	Crianças em idade escolar (7-11 anos)	(a) Disponibilidade parental para a comunicação (b) Expressão de afeto e apoio emocional
COMPA-A	39 para a mãe 39 para o pai	Adolescentes (12-16 anos)	(a) Confiança/partilha dos filhos para os pais (b) Confiança/partilha dos pais para os filhos (c) Expressão de afeto e apoio emocional (d) Metacomunicação (e) Padrão de comunicação negativo
COMPA-AE	17 para a mãe 17 para o pai	Adultos emergentes (18-25 anos)	(a) Confiança/partilha dos filhos para os pais (b) Confiança/partilha dos pais para os filhos (c) Expressão de afeto e apoio emocional (d) Padrão de comunicação negativo
COMPA-P	44	Pais e mães	(a) Disponibilidade parental para a comunicação (b) Confiança/partilha dos filhos para os pais (c) Confiança/partilha dos pais para os filhos (c) Expressão de afeto e apoio emocional (d) Metacomunicação

Seguidamente serão apresentados alguns dos principais resultados de estudos realizados com as escalas COMPA na população portuguesa, especificamente com as escalas COMPA-C,

COMPA-A e COMPA-P. Tratam-se de estudos quantitativos de cariz transversal, que foram realizados com o objetivo de caracterizar os padrões de comunicação parento-filiais de famílias com filhos em idade escolar (467 pais e 329 filhos, dos sete aos 11 anos) e famílias com filhos adolescentes (336 pais e 268 filhos, dos 12 aos 16 anos), considerando algumas variáveis sociodemográficas (sexo, local de residência, estatuto socioeconómico, escolaridade dos pais e composição familiar). Para uma análise mais aprofundada destes resultados sugere-se a consulta das seguintes referências bibliográficas: Portugal e Alberto 2013, 2014, 2015.

Família com Filhos em Idade Escolar e Família com Filhos Adolescentes

A análise efetuada aos padrões comunicacionais de progenitores e filhos de famílias em idade escolar corrobora grande parte dos indicadores descritos pela literatura empírica. Ao nível do sexo, nas famílias com filhos em idade escolar, registaram-se diferenças estatisticamente significativas na subescala disponibilidade parental para a comunicação, quer tendo por referência o pai [$t(309) = -2.648, p = .009$], quer a mãe [$t(313) = -2.331, p = .020$]. Em média, as crianças do sexo feminino percebem uma maior disponibilidade parental à comunicação por parte da mãe ($M = 4.64, DP = .46$) e do pai ($M = 4.50, DP = .52$), comparativamente às crianças do sexo masculino [$(M = 4.52, DP = .50), (M = 4.34, DP = .53)$]. Por sua vez, as mães percecionam maior partilha/confiança por parte dos seus filhos/filhas [$t(454) = -3.505, p = .001$] e, também, maior expressão do afeto e apoio emocional [$t(450) = -3.182, p = .002$] comparativamente aos pais. As mães de famílias com filhos adolescentes apresentam um resultado semelhante a este [$t(326) = -2.417, p = .016; t(317) = -2.609, p = .010$]. Tal como McNaught (2000) refere, parece incontornável assumir a existência de diferenças ao nível do sexo na comunicação estabelecida entre progenitores e filhos. De acordo com alguns autores (Fitzpatrick & Vangelisti, 1995; Stewart, Cooper, Stewart, & Friedly, 1996), as mães tendem a iniciar mais frequentemente as interações comunicacionais com os seus filhos do que os pais através, por exemplo, de questões sobre o dia-a-dia. Este facto pode justificar a perceção de uma comunicação mais ativa por parte das mães. De acordo com McNaught (2000), a iniciativa materna para a comunicação parece influenciar as interações das filhas, promovendo um modelo de comunicação baseado na empatia. Fitzpatrick e Marshall (1996) referem que, em geral, as adolescentes tendem a receber mais afeto e comunicação verbal por parte dos progenitores, do que os adolescentes. No entanto, os resultados com a escala COMPA-A não registam este padrão, verificando-se que na fase da adolescência, os adolescentes do sexo masculino confiam e partilham mais os seus problemas com os progenitores do sexo masculino [$t(245) = 3.223, p = .001; M = 3.26, DP = .72$] do que com as mães ($M = 2.95, DP = .80$). Ao nível do sexo, esta é a principal diferença encontrada entre as duas etapas do ciclo vital. Uma justificação possível para este resultado poderá relacionar-se com o facto de os progenitores do sexo masculino estabelecerem mais frequentemente uma comunicação de cariz instrumental (McNaught, 2000). Assim, perante dificuldades ou problemas pessoais, os adolescentes do sexo masculino procuram respostas mais assertivas e dirigidas para a resolução de problemas (semelhante ao encontrado no estudo de Tomé, Gaspar de Matos, Camacho, Simões, & Alves, 2012).

Relativamente ao local de residência, constata-se que, em ambas as etapas do ciclo vital, progenitores e filhos de contextos urbanos apresentam melhores índices de comunicação comparativamente com os dos contextos rurais. As dimensões que se destacam são: expressão do afeto e apoio emocional [filhos em idade escolar, apenas em relação ao pai: $F(2, 299) = 3.730, p = .025$], disponibilidade parental para a comunicação [filhos em idade escolar em relação ao pai: $F(2, 308) = 6.442, p = .002$; em relação à mãe: $F(2, 312) = 5.110, p = .007$], metacomunicação [pais/mães de crianças em idade escolar: $F(2, 444) = 3.283, p = .038$] e confiança/partilha de progenitores para filhos [pais/mães de crianças em idade escolar: $F(2,$

439) = 3.543, $p = .030$; pais/mães de adolescentes: $F(2, 315) = 6.515$, $p = .002$]. Apesar de a literatura existente sobre este tópico ser escassa e dispersa, o estudo de Wamoyi, Fenwick, Urassa, Zaba, e Stones (2010) indica que a comunicação sobre alguns tópicos (e.g., sexualidade) nos contextos rurais tende a ser mais difícil do que nos contextos urbanos. Ainda assim, verifica-se que, em ambas as etapas do ciclo vital, a confiança/partilha de progenitores para filhos é inferior nos contextos predominantemente urbanos, comparativamente aos contextos mediantemente urbanos e rurais. Sociologicamente, as famílias que vivem em contextos rurais tendem a seguir um modelo patriarcal, fechado sobre si mesmo, com uma grande valorização do núcleo familiar (Simionato & Oliveira, 2003). Esta organização pode facilitar a partilha de problemas e favorecer a confiança de progenitores para filhos, uma vez que a família é considerada como um núcleo privilegiado de interação e partilha.

Considerando o estatuto socioeconómico, verifica-se que o nível alto se destaca dos níveis médio e baixo por apresentar melhores índices de comunicação parento-filial, especificamente: as crianças percecionam maior disponibilidade parental [pai: $F(2, 307) = 11.850$, $p = .001$; mãe $F(2, 307) = 5.404$, $p = .005$] e expressão de afeto e apoio emocional [apenas em relação ao pai: $F(2, 298) = 4.701$, $p = .010$], os adolescentes percecionam padrões de comunicação negativos menores com as mães [$F(2, 251) = 3.565$, $p = .030$] e os pais percecionam maior partilha/confiança por parte dos seus filhos [$F(2, 320) = 3.851$, $p = .022$]. Estes dados são convergentes com a literatura que identifica as dificuldades económicas como uma variável que influencia o bem-estar parental e, conseqüentemente, a relação pais-filhos (Whitbe et al., 1997). No entanto, à semelhança do que acontece com os progenitores que vivem em contextos rurais, os pais e mães de crianças em idade escolar que pertencem ao estatuto socioeconómico baixo tendem a percecionar maior partilha e confiança com os seus filhos [$F(2, 442) = 8.306$, $p = .001$; $M = 4.06$, $DP = .56$] do que pais e mães de nível socioeconómico médio ($M = 3.82$, $DP = .53$) e elevado ($M = 3.68$, $DP = .47$). As dificuldades económicas podem dever-se a vários motivos sendo que um deles é o desemprego. Esta variável, por sua vez, parece reduzir a rede social dos progenitores direcionando, assim, a necessidade de diálogo destes para os seus filhos (Brown & Lynn, 2010).

A escolaridade foi a única variável analisada apenas para a amostra dos progenitores, dado que a variabilidade de escolaridade dos filhos é menor. Um dos resultados mais relevantes desta análise revelou que pais e mães com níveis de escolaridade inferiores a quatro [famílias com filhos em idade escolar: $F(7, 440) = 6.972$, $p = .001$] e a seis [família com filhos adolescentes: $F(7, 308) = 2.181$, $p = .036$] anos tendem a referenciar menor metacomunicação, comparativamente a progenitores que estudaram no ensino superior. Uma possível explicação para este resultado poderá ser uma menor capacidade de elaboração cognitiva e do domínio da linguagem verbal, que se reflete em maiores dificuldades na organização de um pensamento complexo e na estruturação de uma comunicação clara (Dekovic & Gerris, 1992). Um outro resultado, transversal às duas etapas do ciclo vital, indica que os progenitores que completaram nove [família com filhos em idade escolar: $F(7, 441) = 2.605$, $p = .012$] e doze [família com filhos adolescentes: $F(7, 309) = 2.494$, $p = .017$] anos de escolaridade tendem a partilhar e a confiar mais os seus problemas aos filhos, comparativamente a progenitores com níveis de escolaridade superiores. A literatura indica a existência de uma clara relação entre o nível de escolaridade e a profissão que se exerce (e.g., Rocha-Vidigal & Vidigal, 2012), sendo que o estatuto socioeconómico de cada família traduz essa relação. Apesar de não constituir uma regra, pode considerar-se, como possível justificação para este resultado, que estes progenitores pertençam a um nível socioeconómico médio-baixo, dado o seu nível de escolaridade. De acordo com o que foi referido anteriormente, esta condição socioeconómica parece estar efetivamente relacionada com uma maior partilha/confiança dos pais para os filhos.

Foram também analisados os padrões comunicacionais em diferentes estruturas familiares, nomeadamente: famílias pós-divórcio, famílias monoparentais, famílias

reconstituídas e famílias nucleares intactas. De forma geral, a literatura refere que progenitores e filhos de composições familiares cujo agregado familiar não é intacto tendem a apresentar maiores dificuldades na comunicação (e.g., McManus & Nessbaum, 2011). Estes estudos reforçam a importância que, tradicionalmente, é atribuída às famílias nucleares intactas (Alarcão, 2006). Porém, a caracterização dos padrões comunicacionais na amostra que compõe o presente estudo contraria a maior parte destes dados, exceto no que diz respeito às famílias monoparentais com filhos em idade escolar. Verifica-se que as crianças de famílias monoparentais percecionam menor disponibilidade parental para a comunicação [$F(3, 307) = 2.633, p = .050$] por parte dos progenitores do sexo masculino. Este dado pode dever-se ao facto de a amostra em estudo ser maioritariamente constituída por famílias monoparentais cujo exercício da parentalidade se centraliza nas figuras maternas. Assim, os resultados das crianças na dimensão disponibilidade parental para a comunicação relativamente ao pai diminuem dado que, por regra, estas mantêm uma interação direta e mais frequente com as mães. Estes dados são suportados pela literatura (e.g., Amato, Loomis, & Booth, 1995).

Uma análise integradora destes resultados sugere a existência de diferenças comunicacionais em função do sexo, local de residência, estatuto socioeconómico, escolaridade dos progenitores e tipologia da composição familiar. Os dados revelam, assim, que algumas variáveis se destacam no sentido de uma perceção positiva da comunicação, designadamente: (a) o sexo feminino, particularmente ao nível dos progenitores; (b) famílias que vivem em contextos urbanos; (c) famílias de estatuto socioeconómico médio e elevado; e (d) níveis de escolaridade superiores a nove anos. Os dados resultados relativos à composição familiar não revelaram diferenças entre famílias nucleares intactas e outras estruturas familiares, ao contrário do que seria de esperar. Um outro dado central desta caracterização é o facto de existirem características transversais à comunicação de famílias com filhos em idade escolar e de famílias com filhos adolescentes.

Conclusão

A comunicação é indubitavelmente uma ferramenta central do funcionamento familiar. São os processos comunicacionais que moderam a coesão familiar, bem como, a adaptabilidade da família a situações de mudança, sejam elas normativas ou acidentais. Desta forma, a comunicação permite pontuar a relação parento-filial que, além do mais, se altera ao longo do ciclo vital, ajustando-se às funções e tarefas de cada fase.

Analisar a comunicação na parentalidade através da metáfora do Bailinho da Madeira, permitiu esclarecer as principais propriedades e características desta relação, das quais se destacam: (a) a existência de funções internas (e.g., nutrir emocionalmente) e externas (e.g., promover a socialização); (b) a importância do contexto para a atribuição de significado à comunicação; (c) a identidade familiar como resultado das redundâncias comunicacionais; (d) a comunicação que se estabelece entre pais e filhos permite criar modelos mentais da vida familiar e a sua perpetuação transgeracional; (e) a comunicação não se extingue na palavra, sendo a dimensão não-verbal igualmente importante; e (f) os padrões de comunicação permitem definir hierarquias, limites e níveis de poder entre o subsistema parental e o subsistema filial, sendo também ajustáveis ao desenvolvimento do ciclo de vida familiar (de padrões complementares a padrões simétricos).

Finalmente, a operacionalização do conhecimento teórico através da análise e discussão dos diversos resultados dos estudos realizados em Portugal com as escalas COMPA permite retratar de forma genérica os padrões de comunicação parento-filial. A este respeito, destaca-se a influência do sexo feminino na maior parte das dimensões analisadas, o facto de os contextos socioeconómicos altos e das regiões urbanas revelarem melhores indicadores de

comunicação parento-filial e o facto de a comunicação não variar de forma muito significativa em função das diversas estruturas familiares analisadas.

A caracterização efetuada deve ser interpretada atendendo ao seu cariz exploratório, ainda que os resultados permitam retirar algumas conclusões e implicações úteis para os profissionais (e.g., terapeutas familiares) que, em contexto clínico, trabalham com famílias, como por exemplo, na identificação de áreas fortes e fragilizadas patentes nas diferentes danças da comunicação parento-filial. Assim, os profissionais são convidados a observar a coreografia familiar, identificando as particularidades que, a olho nu, nem sempre são visíveis e, inevitavelmente, a participar de um bailinho que representa a identidade da família.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (3a ed). Coimbra: Quarteto.
- Amato, P. R., Loomis, L. S., & Booth, A. (1995). Parental divorce, marital conflict, and offspring well-being during early adulthood. *Social Forces*, 73, 895-915.
- Arnett, J. J. (2005). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging Adults in America: Coming of Age in the 21st Century*. Washington D.C.: American Psychological Association Press, p. 3-19.
- Barker, L. L. (1987). *Communication*. (4th ed). New Jersey: Prentice-Hall.
- Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of Parenting - Volume 1. Children and Parenting*. (2nd Ed.). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bronckart (2001). Comunicação. In R. Doron, & F. Parot, (Eds.). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brown, E. D., & Lynn, T. K. (2010). Daily poverty-related stress and mood for low-income parents, as a function of the presence of a cohabiting partner relationship. *Individual Differences Research*, 8(4), 204-213.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. (2a ed). Porto Alegre: Artes Médicas. (Edição original de 1989)
- Crosbie-Burnett, M., & Klein, D. M. (2009). The Fascinating Story of Family Theories (pp. 37-52) Psychology. In J. H. Bray & M. Stanton (Ed.). *The Wiley-Blackwell Handbook of Family Psychology*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd.
- Dekovic, M., & Gerris, J. R. M. (1992). Parental reasoning complexity, social class, and child-rearing behaviors. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 675–685.
- Fitzpatrick, M. A. & Marshall, L. J. (1996). The effect of family communication environments on children's social behavior during middle childhood. *Communication Research*, 23(4), 379-407.
- Fitzpatrick, M. A. & Vangelisti, A. L. (1995). *Explaining Family Interactions*. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Gameiro, A. (1989). Comunicação e saúde mental na família. Da comunicação quantitativa à qualitativa. *Hospitalidade*, 208(53), 6-21.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria*. Porto: Afrontamento.
- Goodman, S. H., Barfoot, B., Frye, A. A., & Belli, A. M. (1999). Dimensions of marital conflict and children's social problem-solving skills. *Journal of Family Psychology*, 13, 33–45.
- Houk, C. D., Rodrigue, J., & Lobato, D. (2007). Parent-adolescent communication and psychological symptoms among adolescents with chronically ill parents. *Journal of Pediatric Psychology*, 32, 595-604.

- Hillaker, B. D., Brophy-Herb, H. E., Villarruel, F. A., & Haas, B. E. (2008). The Contributions of Parenting to Social Competencies and Positive Values in Middle School Youth: Positive Family Communication, Maintaining Standards, and Supportive Family Relationships. *Family Relations*, 57(5), 591-601. doi:10.1111/j.1741-3729.2008.00525.x
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Noller, P. (1980). Misunderstanding in marital communication: a study of couples' nonverbal communication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(6), 1135-1148.
- McNaughton, J. (2000). Gender differences in parent-child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32.
- Oliveira, C., Fonseca, G., Sotero, L., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2018). *Emerging adults' family relationships in the XXI century: A systematic review*. Manuscript submitted for publication.
- Patock-Peckham, J. & Morgan-Lopez, A. (2007). College drinking behaviors: meditational links between parenting styles, parental bonds, depression and alcohol problems. *Psychology of Addictive Behaviors*, 21(3), 297-306.
- Portugal, A., & Beja, M. J. (julio, 2017). *La emergencia de la edad adulta y la comunicación entre padres e hijos: estudio con la Escala de Evaluación de la Comunicación en la parentalidad (COMPA)*. Comunicación oral presentada en las XIII Jornadas Internacionales RELATES. Lisboa, Portugal.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2015). Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos Adolescentes: Estudo das variáveis sociodemográficas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(5), 1389-1400. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000300007>
- Portugal, A., & Alberto, I. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 85-103. ISSN: e2145-4515
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos em Idade Escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 107-118. ISSN: 1806-3446.
<https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1672>
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rocha-Vidigal, C., & Vidigal, V. (2012). Investimento na qualificação profissional: uma abordagem econômica sobre sua importância. *Acta Scientiarum: Human & Social Sciences*, 34(1), 41-48. doi:10.4025/actascihumansoc.v34i1.14181
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Simionato, M. & Oliveira, R. (novembro, 2003). *Funções e transformações da família ao longo da história*. Comunicação apresentada no I Encontro Paranaense de Psicopedagogia, Paraná Norte.
- Stewart, L. P., Cooper, P. J., Stewart, A. D., & Friedley, S. A. (1996). *Communication and gender* (3rd Ed.) Scottsdale, AZ: Gorsuch Scarisbrick.
- Tomé, G., Gaspar de Matos, M., Camacho, I., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). Portuguese adolescents: the importance of parents and peer groups in positive health. *Spanish Journal of Psychology*. 15(3), 1315-1324.
http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39417
- Vangelisti, A. L. (Ed.). (2004). *Handbook of Family Communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Wamoyi, J., Fenwick, A., Urassa, M., Zaba, B., & Stones, W. (2010). Parent-child communication about sexual and reproductive health in rural Tanzania: Implications for

- young people's sexual health interventions. *Reproductive Health*, 7(6), 1-18.
doi:10.1186/1742-4755-7-6
- Watzlawick, P., Beavin, J. B., & Jackson, D. (1993). *Pragmatics of Human Communication: A study of international patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: W. W. Norton & Company.
- Whitbeck, L. B., Simons, R. L., Conger, R. D., Wickrama, K., Ackley, K. A., & Elder, G. H. (1997). The effects of parents' working conditions and family economic hardship on parenting behaviors and children's self-efficacy. *Social Psychology Quarterly*, 60(4), 291-303.